

O rizoma de Deleuze e Guattari: as ervas daninhas como resistência ao capitalismo tardio

Deleuze and Guattari's rhizome: weeds as resistance to late capitalism

HUGO RENAN PIZZATO¹

Resumo: Nossa nova era geológica, o Antropoceno, tem suscitado diversas questões sobre o debate técnico, político e científico e ontológico. Nosso artigo busca explorar alguns desses temas, partindo das plantas para uma reflexão sobre estratégias que podem ser utilizadas contra o Capitalismo tardio, que sequestrou nossa realidade. Portanto, propomos analisar o rizoma de Deleuze e Guattari em um encontro com a filosofia vegetal de Stefano Mancuso, apresentando uma estratégia política baseada na figura da erva daninha, bem como, no conhecimento aberto, coletividade, alianças e na mimese. Em suma, observamos como o 'caos-planta' é um modo de resistir ao controle e se relacionar de outra forma com o ambiente produzindo, a partir das plantas daninhas, um novo solo para o pensamento político.

Palavras-chaves: Deleuze & Guattari; Filosofia Vegetal; Rizoma.

Abstract: Our new geological era, the Anthropocene, has raised various questions concerning technical, political, scientific, and ontological debates. Our article aims to explore some of these themes, starting from plants to reflect on strategies that can be used against late Capitalism, which has hijacked our reality. Therefore, we propose to analyze Deleuze and Guattari's rhizome in conjunction with Stefano Mancuso's plant philosophy, presenting a political strategy based on the figure of the weed, as well as open knowledge, collectivity, alliances, and mimesis. In summary, we observe how "plant-chaos" is a way to resist control and relate differently to the environment, producing, from weeds, a new ground for political thought.

Keywords: Deleuze & Guattari; Plant Philosophy; Rhizome.

Introdução

Este trabalho propõe explorar alguns caminhos para uma filosofia política das ervas daninhas como estratégia de um movimento de oposição ao capitalismo

¹ Licenciado em filosofia (2017), especialista em antropologia cultural (2019), graduado em direito pela PUCPR (2025) e mestrando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR: hugopizzato93@gmail.com.

tardio e ao Antropoceno². A análise se fundamenta no primeiro platô de Deleuze (1925 - 1995) e Guattari (1930 - 1992), 'Introdução ao Rizoma'. Buscamos, como isso, uma política radical nas plantas, com base no Rizoma, modelo epistemológico, pensado como modelo aberto e descentralizado, em que as linhas de fuga operam sem interferência. No entanto, para aprofundar nossa reflexão, de análise a política das plantas, aproximamos o texto de Deleuze e Guattari da filosofia Vegetal, que em nosso artigo é representada pelo botânico Stefano Mancuso e seu livro *A Revolução das Plantas* (2019), que aborda as descobertas e projetos relacionados a botânica contemporânea passando pelas agências políticas com formigas aos planetoides que vão ao espaço. Salientamos que ambos os textos que colocamos neste artigo tratam do conhecimento, tanto de sua estrutura como de sua divulgação, para além da epistemologia, buscam os autores tratar as plantas como seres capazes de agência e devir, tanto para ressignificar o conhecimento quanto para mostrar que as plantas podem mais do que se espera delas, desse modo, buscamos pensar a política a partir dos vegetais, passando pelo conhecimento e suas estratégias, chegando as ervas daninhas e seu incômodo.

203

Sendo assim, nosso objetivo é explorar a ideia de que as ervas daninhas podem servir de modelo político que parte de uma outra produção, a do inútil, ou seja, que não tem efeito econômico positivo. Esses vegetais, por muitas vezes indesejados nascem tanto no gramado do burguês como na sarjeta dos centros urbanos, eles estão presentes na periferia, e por muitas vezes racham o asfalto que o Humano colocou por cima da terra. Com seu corpo elas se espalham pelo mundo e sua única função é crescer conforme o solo sobre o qual nascem, operando como um farol para a vida, chamando outros seres para habitar ao seu

² Prezado leitor, antes de iniciar o texto é importante uma ressalva, optamos por deixar de fora algumas discussões sobre o Rizoma e a filosofia vegetal dada a extensão do texto, isso inclui, por exemplo a crítica de Anna Tsing e a aproximação de algumas culturas de plantas e sua relação com a colonização, bem como a discussão de Elizabeth Povinelli sobre o Rizoma de Deleuze & Guattari e Glissant. Reconhecemos que essas discussões são importantes para a compreensão do problema e planejamos aprofundá-las em trabalhos futuros.

redor, fazendo proliferar a biodiversidade. Compreendemos que esses seres têm muito a contribuir com estratégias políticas, porque as ervas são o que sobram e nascem onde não se espera que nada prolifere, na falta de esperanças do planeta no capitalismo tardio, as ervas se tornam exemplos de resistência e multiplicidade.

Devires vegetais, o que é um rizoma?

Para Deleuze & Guattari, o Rizoma³, parte de uma outra concepção de conhecimento baseado nos vegetais, como oposição aos modelos arbóreos e centrados. Portanto, é um modo de se pensar a filosofia do ponto de vista do diagnóstico⁴ e da proposição de um modelo descentralizado, uma “estrutura” aberta, que pode ser rompida e retomada. Desse modo, os autores apontam que historicamente o saber se volta para a forma de uma árvore, ou seja, ele é formado a partir de uma raiz, um tronco principal e seus galhos, esse sistema tende a retornar sempre sobre si, pois é específico e fechado, portanto, nunca escapa da sua estrutura. Imagine, uma árvore isolada no centro de uma grande metrópole, abaixo de suas raízes está o asfalto ou cimento, que impede seus fluxos água e suas ligações com os nutrientes, a árvore isolada não sobrevive, porque ela precisa estar inserida em uma rede de relações que começam com o solo fértil e aberto, passa pelos fungos e os insetos, e pode chegar ao sol e ao mar, basta o vento forte para lançar ao chão a árvore solitária. O conhecimento, construído sobre sua forma arbórea é limitado e isolado, pode-se pensar novas

³ “In botany, a rhizome is the main, fleshy stem of a plant that grows underground horizontally, and sends out roots from the bottom of its nodes and shoots from the top of its nodes. As a network of multiple threads, the rhizome has interconnected living fibres without any central unit. Plants with underground rhizomes are defined as multiplicities.” (Oppermann, 2010, p. 19)

⁴ Sobre a questão do diagnóstico ver, Deleuze & Guattari em *O que é filosofia?* (2010): “*Diagnosticar* os devires, em cada presente que passa, é o que Nietzsche atribui ao filósofo como ‘médico da civilização’ ou inventor de novos modos de existência imanentes” (2010, p. 135 e 136).

formas de matriz energética e ecológica, mas a produção de petróleo continua sendo a maior fonte econômica do capital e barreira para uma energia 'verde' e a ecologia já foi absorvida para dar lucro ao capital. O capitalismo em sua forma arbórea acaba com todas as esperanças, ao mesmo tempo produz uma 'impotência reflexiva', como bem aponta Mark Fisher (1968-2017), em seu *Realismo capitalista* (2009), parece não haver alternativa a esse modelo que adoece a sociedade e o meio ambiente⁵.

Deleuze & Guattari buscam, de algum modo, se distanciar das cidades, dos núcleos dos conhecimentos e suas estruturas. Para tal, olham para as florestas, para a copa das árvores, assim conseguem observar como a natureza, em suas cidades verdes, constitui-se como um grande corpo sem órgão⁶, fazendo tudo o que habita aquele lugar se relacionar, dentro da floresta todos os seres estão conectados por diversos devires, que os transformam e os misturam à terra, seguindo o modelo proposto pelos autores podemos passar das ciências duras as construções sociais. O Rizoma é, portanto, um modo de pensar o conhecimento a partir das relações, ligações, fluxos e estratégias. Se constituindo, em primeiro lugar, como uma crítica, ou contraponto, à uma epistemologia arbórea, que sempre retoma o seu eixo principal buscando sistematizar o caos; em segundo lugar, como um modo de fazer o conhecimento se multiplicar, como uma floresta totalmente conectada, em que só existem fluxos.

⁵ “Se o realismo capitalista é tão fluido, e se as formas atuais de resistência são tão desesperançosas e impotentes, de onde poderia vir um desafio efetivo? Uma crítica moral ao capitalismo, enfatizando as maneiras pelas quais ele gera miséria e dor, apenas reforça o realismo capitalista. Pobreza, fome e guerra podem ser apresentadas como aspectos incontornáveis da realidade, ao passo que a esperança de um dia eliminar tais formas de sofrimento podem ser facilmente representada como mero utopismo ingênuo. O realismo capitalista só pode ser ameaçado se for de alguma forma exposto como inconsistente ou insustentável, ou seja, mostrando que o ostensivo “realismo” do “capitalismo” na verdade não tem nada de realista.” (Fisher, 2009, p. 33)

⁶ Deleuze & Guattari, inspirados por Nietzsche (1844 - 1900) e Artaud (1896 - 1948), caracterizam o Corpo sem órgão como um conjunto de práticas, um modo de ser, de se produzir e construir uma existência. Ele é aquilo que permanece quando já não se tem nada, é uma forma de insurgência contra a organização que limita o corpo (Deleuze; Guattari, 1996).

Desse modo, o Rizoma permite falar sobre formigas dentro de seus formigueiros e as políticas de alteridade dos EUA, do crescimento das raízes de uma orquídea a destruição em massa de bombas atômicas, pode-se ir do molar ao molecular, ele é um 'sistema' aberto em que os fluxos podem seguir e se misturar. Portanto, os autores, inspirados pelos vegetais, buscam conceber uma epistemologia que não é linear, quantitativa e subjetiva, porque a lógica do rizoma opera por rompimento, cortes, misturas e retomadas. Dentro disso, se por muito tempo a filosofia e a ciência procuraram, através de suas sistematizações e dos seus livros, trancafiar a natureza estabilizando-a no tempo, quantificando e produzindo seus decalques em estruturas fechadas, a partir dos vegetais em conjunto ela se liberta e traça novas linhas de fuga, sempre se modificando, se diferenciando da fotografia que o cientista fez em seu laboratório.

A partir disso, podemos pensar o Rizoma para além da epistemologia? Ou seja, como estratégia política das plantas? A questão colocada por Deleuze e Guattari é a seguinte: “e se nos tornássemos animal ou vegetal por literatura, o que não quer certamente dizer literalmente?” (1995, p.10). Quando nos tornamos outros podemos atravessar os fluxos, operar por cortes, produzir um modelo de resistência e ação politicamente diferente e radical? O horizonte político dos vegetais, diz Stengers, é “fazer pegar novamente” (2015, cap. 16, par. 3), ou seja, a capacidade de se adaptar, imaginar e agir coletivamente, fazendo proliferar a vida. Para buscar um modo de fazer política com o Rizoma, precisamos nos tornar um pouco plantas, observar seus exemplos, suas ações e estratégias, assim somos capazes de compreender como operam seus fluxos e como a floresta pode se constituir como uma grande cidade em que os seres são dissolvidos, se incluindo em um mundo, passando a ser um com o seu ambiente.

Isso, de um certo modo, constitui-se como uma maneira de buscar o caos natural em desfavor da ordem estabelecida pelo Capitalismo tardio, nesse sentido

Deleuze & Guattari, abraçam o caos como forma de interpretar a filosofia⁷. Com o olhar aberto aos caos, podemos passar a compreender o emaranhado de linhas que fazem parte de um estudo rizomático, como as plantas podem promover seu próprio universo e seus devires nas emaranhadas redes que formam a grama, fazendo emergir um tipo de enunciação que até pouco tempo a humanidade podia ignorar por não conseguir ouvir esses vegetais. O caos das plantas, como tantos outros, fazem surgir a sinfonia política do inútil, do desobediente e do resistente que pode-se observar no planeta.

Mimese como estratégia política

Uma característica de algumas espécies da flora é a extrema habilidade de disfarce. Certamente, se Platão fosse um Jardineiro arrancaria com as próprias mãos a *Boquila trifoliata* do solo e jogaria para fora de seu jardim. Isso porque, ela é uma imitadora habilidosa, como artista, ela consegue copiar seus vizinhos e com isso garante a proteção contra alguns predadores. A *Boquila*, é uma trepadeira, originária de algumas regiões da Argentina e do Chile, mas também pode ser um arbusto, ou outra coisa. O botânico italiano Stefano Mancuso (1965), fala sobre a experiência de Ernesto Ginoli, que percebeu como a *Boquila* é uma mestra dos disfarces:

[...] em cada arbusto ou árvore sobre a qual ela cresce, a *boquila trifoliata* imita as folhas da espécie “hospedeira” com grande habilidade. Não só isso, ela parece capaz de reproduzir facilmente as mais diversas folhas. Até onde ele sabe, nenhuma planta faz algo semelhante (2019, p. 44)

Mancuso explica que uma mesma planta pode transformar diferentes partes de seu corpo, mimetizando suas vizinhas, demonstrando uma capacidade

⁷ Mas não são os únicos, como bem aponta Juliette Simont: “Deleuze, com certeza, não tem a presunção de ser a única sentinela do caos. Ele se inscreve em uma filiação, seletiva, sem dúvida, que é zigiguezagueante ao invés de linear. Aliás, talvez devêssemos dizer, em vez de filiação, confraria. Os estoicos, Duns Scot, Spinoza, Leibniz, Maimon, Nietzsche, Bergson...” (2021, p. 188).

genética incrível, dessa forma pode crescer em meio a três outras espécies, a *Boquila* irá se diferenciar de si mesma em diversas partes copiando as plantas ao lado, abandonando o que se é para tornar-se outra coisa, assim participa da comunidade florestal interagindo e se protegendo. A imitação trás benefícios para essa espécie, contribuindo para a sua sobrevivência, conforme sua percepção corporal a trepadeira compreende o seu ambiente e se adapta, afastando predadores a partir da imitação do que está à sua volta. Segundo Mancuso (2019), esse vegetal tem uma visão corporal, isto é, o seu corpo é também seu “olho rudimentar” que permite a percepção/conexão, o que beneficia a atualização das suas características protetivas, conforme a vizinhança. Essa planta, está sempre em um devir outro, às vezes trepadeira em outros arbustos, ela faz rizoma com o seu ambiente, e isso significa muitas vezes operar por cortes e seguir por linhas de fuga transformadoras do corpo trepadeira e do corpo arbusto, ela se confunde na árvore e passa a fazer desta um outro também, transportando uma multiplicidade, diferenciando a si pode esquecer um pouco a sua individualidade.

A mimese, faz parte do Rizoma, mas não é simples imitação, é transformação e devir, a *Boquila* não se multiplica nos arbustos, mas ela se subtrai. Deleuze e Guattari diriam que ela opera a N-1, isso significa que é necessário se despersonalizar, escapar da sua própria unidade. Trata-se de esquecer os sujeitos e os objetos, isto é, ir além da mimese e metamorfosear a própria natureza a qual pertence, o vegetal mimético escapa a estrutura, as correlações e as relações binárias, ele segue por outros fluxos, se tornando outra coisa na paisagem. Importante lição do reino das plantas, a de se misturar. Deixar a identidade de lado e se inserir em uma rede de agenciamentos, se transformar em vários, é um modo de existência que compreende o ambiente externo como algo vivo que muitas vezes coopera ou não, mas sobretudo que fazemos parte desse externo e ele pode afetar a nossa maneira de existir. Nosso corpo é também nosso campo de visão, como a *Boquila*, devemos nos misturar à terra e pensar com os pés enterrados no chão, substituir a velha noção epistêmica de natureza como objeto pela comunhão com ela. É a partir do escape da centralidade que podemos construir uma política da multiplicidade, esses modos de “organizar” o conhecimento se constitui como uma política que pode ligar a Natureza, Cultura,

a sexualidade assim como os seres humanos, não-humanos e a geologia, como explica Deleuze & Guattari:

O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de “devires”. Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. (1995, p, 32)

A *Boquila* é a planta da multiplicidade, ela é atravessada por diferenças, internas e externas, sobretudo passa pelo fluxo de intensidade e é determinada pelo mundo ao qual está se insere, a sua existência é camuflagem, mas é também acontecimento, porque nunca estabelece sua identidade e está sempre vibrando sobre si. Dessa forma, a política vegetal que se insurge ao capitalismo tardio deve ser múltipla e sempre estar em um fluxo, porque seus sujeitos são vários, pela terra ou nas sarjetas, se diferenciando e escapando da rigidez da identidade que os cerca. Isso significa, que devemos ultrapassar as formações arbóreas da produção e reprodução e, a partir disso, nos misturar à terra fazendo alianças com a vizinhança marginal, tal como a *Boquila*, a lógica rizomática pode assumir várias formas e se produzir em diversos lugares. “Trata-se não de reforço de identidade e integração, mas de dissolução em múltiplas identidades. O conceito de classe não desaparece, mas precisa ser ampliado e repensado.” (MAESO, 2018, p. 133), isto é, fazer da mistura uma estratégia em que os fluxos possam passar dos problemas de exclusão política às ecologias, em uma espécie de contrafluxo que pode reterritorializar o corpo sem órgão do capitalismo, para que a produção econômica possa ser deixada de lado em nome de outros princípios que são comuns aos seres mundanos. Portanto, como as plantas, nosso modo de vida deve voltar-se para o chão, porque é dele que dependem as linhas e os caminhos pelos quais podemos construir o nosso Rizoma, a paisagem é também movimento vivo e multiplicidade e isso incide sobre os movimentos, cortes e retomadas vegetais.

Movimentos vegetais, cortes, rupturas e retomada

Não é possível acabar com um rizoma, por mais que ele seja explodido, cortado e despedaçado, ele continua a crescer por outros meios⁸, não importando quais técnicas serão utilizadas para cortar seus fluxos, como algumas plantas, ele se expande e desbrava outros territórios. Inclusive, por vezes, operam com um potencial improdutivo, algumas plantas são tão inconvenientes quanto os seres humanos, e isso não é um problema. Muitas vezes as ervas daninhas acabam por obrigar os humanos a colaborar com a sua proliferação, como é o caso do centeio, um exemplo de estratégia e adaptação contra a Cultura. Com a popularização do trigo e da cevada como fonte de nutrientes humano, uma planta com características semelhantes se aproveitou da popularidade desses grãos para se multiplicar pelo ambiente. Ao longo do tempo, a semente do centeio sofreu tantas alterações que se tornou difícil diferenciá-la das sementes de trigo e cevada, conforme Mancuso:

Como eram muito semelhantes ao trigo e à cevada, para eliminá-los, as antigas populações do Crescente Fértil deveriam selecionar cuidadosamente suas sementes em busca de intrusos, o que não era uma tarefa fácil. Assim, o centeio tornou-se uma das principais ervas daninhas. E, quando o cultivo de trigo e de cevada se expandiu para regiões mais distantes a norte, leste e oeste da área original, o centeio se juntou à jornada (o homem é um vetor supereficiente, não se esqueçam disso), ampliando sua área de distribuição. Tendo chegado a regiões com invernos mais rigorosos ou com solo mais pobre, o centeio mostrou suas qualidades rústicas, com uma produção maior e melhor do que a do trigo e da cevada aos quais se juntara, e em pouco tempo os suplantou. O centeio se tornou efetivamente um cultivo doméstico. (2019, p. 56-57)

210

⁸ As plantas se adaptaram a descentralizar a sua estrutura de vida, por todo o seu corpo encontram-se os seus órgãos vitais, diz Mancuso: “O modelo vegetal não prevê um cérebro, que desempenha o papel de comando central, nem órgãos simples ou duplos que dependam dele. Em certo sentido, sua organização é a própria marca de sua modernidade: elas têm uma arquitetura modular, cooperativa e distribuída, sem centros de comando, capaz de suportar perfeitamente predações catastróficas e repetidas.” (2019, p, 96).

A estratégia do centeio em relação a outras plantas se trata de uma descentralização de si, a mutação sempre exige do ser que se transforme em outra coisa e isso depende das alianças que se faz com o ambiente, neste caso o centeio passou ao devir-trigo/cevada, contribui para proliferação e popularização, o centeio subtraiu-se de si para se espalhar. Desse modo, ele passa da Natureza à Cultura, primeiro como erva daninha e depois como produto, hoje presente em nossa alimentação. O centeio fez um rizoma, primeiro com os outros grão populares da cultura, depois se ligou à política demonstrando sua força e por fim se tornou fonte de alimento podendo se beneficiar das plantações humanas que agora passam a propagar a sua semente pelo mundo. Construir a partir de uma lógica rizomática é utilizar a estratégia do centeio, permanecer erva daninha até se tornar uma outra coisa, capaz de expandir seus domínios e modificar o jogo político. Para fazer essas conexões e seguir os fluxos rizomáticos é necessário estar atento aos movimentos e conexões com a terra, porque é através disso que podemos observar a multiplicidade operando, e isso significa se debruçar sobre o terceiro critério do rizoma, a multiplicidade.

211

A multiplicidade, em Deleuze & Guattari, não se trata apenas dos números, mas é sobretudo de movimento, mudança e fluxo. Aqui buscamos escapar da unidade, isso significa também romper com as dualidades, sujeito e objeto se confundem, da mesma forma a Natureza e Cultura porque se encontram e se afetam. Esse conceito tem relação com o periférico, porque a multiplicidade rejeita o centro e dele se afasta. A multiplicidade é observada através de sua mudança, pode-se construir dados sobre suas determinações e suas grandezas, mas sua natureza pode mudar a todo o tempo⁹. Os autores franceses utilizam a metáfora dos fios do titereiro que conduzem seus bonecos, nesse exemplo o que importa são as fibras que tencionam um movimento, não a vontade do seu

⁹ Como bem pontua Povinelli: “O rizoma não se importa de se mover pela malha, porque ela oferece condições para a sua disseminação espacial. Coloque qualquer coisa no caminho do rizoma e ele simplesmente muda de forma. Ele absorve o ambiente ao seu redor e vira outra coisa qualquer, sem remorso, sem culpa, sem vergonha, porque o múltiplo é seu devir potencial” (2024, p. 52)

condutor. O boneco se move por agenciamentos, “é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 17). São linhas que conduzem o rizoma, escapando da unidade a todo o momento, porque a unidade (UNO) se propaga no vazio na qual o sistema (radicular/árvore) busca sobrecodificar. Desse modo, a multiplicidade está no deslocamento, na fuga, indo cada vez mais para longe do centro da identidade. Assim como fazem algumas coníferas, que se agenciam aos corpos ao seu redor através de sua estrutura reprodutiva baseada em fibras, *Estróbilo*, para dispersar as suas sementes.

Mancuso explica, que a pinha faz suas fibras se moverem conforme o ambiente, isso quer dizer que quanto mais seco o tempo, mas suas fibras se abrem para o mundo podendo dispersar a semente para um lugar mais distante, e em tempos úmidos esse movimento tende a fazer com que as pinhas movam sua fibras no sentido de fechamento, porque a água e o tempo úmido, tendem a não deixar com que a semente vá para muito longe (2019). Tudo isso ocorre através da parte morta do vegetal, que não gasta energia para se movimentar, vejamos como ocorre esse processo:

O artifício está na natureza das escamas. Cada uma delas é composta de dois tecidos diferentes, indistinguíveis a olho nu; é somente na cuidadosa observação microscópica, portanto, que se pode ver a diferença entre eles. A superfície interna das escamas é composta de fibras esclerenquimáticas agrupadas para formarem cabos microscópicos, enquanto a superfície externa é composta de esclereídeos, mais grossos e mais curtos. Os dois componentes têm uma afinidade diferente com a água e, portanto, diz-se que são diferentemente higroscópicos. (Mancuso, 2019, p.65)

Portanto, a árvore mãe assume o papel de titereiro, porque a sua vontade não importa, as fibras se movem conforme sentem aquilo que está à sua volta, é preciso do múltiplo para que as plantas se reproduzam, matéria orgânica, mineral e vizinhança, o vazio é infértil pois ele tende a unidades que ceifa a vida vegetal. Desse modo, essas coníferas operam em agenciamentos com o ambiente, sua sobrevivência e proliferação depende de uma série de acontecimentos que estão

fora de seu controle, o *Estróbilo* segue o fluxo por mais que queira se manter fechado em sua formação arbórea é o tempo úmido ou seco quem determina o seu devir.

A multiplicidade que forma um Rizoma, desse modo, se parece com um gramado, em que só existem conexões, todos aqueles que habitam dentro dessa “estrutura” trabalham para que ela cresça, os sujeitos e seus significantes não são determinados, pois o gramado é mistura, seu ser é dissolvido e se espalha. Sendo assim, todo o esforço é direcionado para a efetivação da fuga, o rizoma não pode ser cercado, ele deve seguir por fluxos, seus esporos se espalham, grudam e boiam, indo para outros lugares, produzindo novos agenciamentos, trata-se de observar as práticas desses seres e definir estratégias que atualizam os seus valores, dependendo do momento. Uma política rizomática, não estabiliza valores, mas se vale deles pelo tempo necessário, depois pode cortar esses fluxos e seguir por outros caminhos, afirmam Deleuze & Guattari, “a grama também é um rizoma. O Bom o Mau são somente produtos de uma seleção ativa a temporária a se recomençar” (1995, p. 16). A estratégia e o movimento dependem do ambiente, ocorrem por conexão com a externalidade, desse modo, como o *Estróbilo*, pode-se traçar um curso para o local mais úmido ou com mais luminosidade, da mesma forma, quando se cai sobre um solo infértil a semente pode servir de alimento para algum bicho e assim ser levada para outro lugar. A multiplicidade se torna movimento, como política as plantas abandonam o campo de valoração, e bem o mal são operadores de uma determinada estratégia, faz parte do seu agenciamento ser cortada, devorada e arremessada, porque isso não se trata de romper com seus limites, mas de expandir as suas raízes sobre outros solos, as plantas também são um corpo sem órgão. Os rizomas se movem por linhas e pontos, tudo está conectado, os seres vivem através deles, isto é, se adaptam,

fazem alianças e produzem rupturas¹⁰. O modelo rizomático é conduzido por transformação e, seu quarto princípio, que o protege da estabilidade.

A ruptura a-significante que se apresenta na maleabilidade e mutabilidade, isso significa que ele pode ser cortado, esticado, processado, isso faz com que as linhas de fuga operem e façam retomar o rizoma. Desse modo, passa a funcionar como formigas, dentro de seus formigueiros são vários corredores que podem ser seguidos, esses caminhos não deixam de fazer remissão uns aos outros, não existe dualidade, dicotomia, suas linhas de fuga podem se reorganizar, bem como pode-se encontrar um sujeito, pode haver uma circunscrição de um microfascismo, significativo e limitador¹¹. Desse modo, o rizoma consegue se produzir o tempo todo, no entanto, não como produção de cifras, que incidem sobre o valor econômico de seu produto, o rizoma também produz o inútil pela agência entre os entes em relação, que buscam tornar-se outra coisa¹². Os autores demonstram esse movimento de corte e ruptura, a partir da relação de dupla dependência entre a Vespa e a orquídea, que se misturam e se tornam outra coisa. Quando a Vespa se alimenta do néctar da orquídea, essa utiliza o inseto como genitália, para espalhar seus esporos pelo mundo. Dessa forma, tanto um quanto o outro seguem por um devir diferente daquilo que são, um Devir orquídea-vespa e outro vespa-orquídea. Ambos se capturam e territorializam nesse movimento. Aqui já não se trata da imitação do inseto em planta e da planta que imita um inseto, mas é sobretudo o devir que está em jogo, é o tornar-se outra coisa, a partir da linha

¹⁰ Mancuso (2019, p. 104) “As plantas são, portanto, organismos capazes de usar as propriedades surgidas a partir das interações entre grupos para responder aos problemas e adotar soluções até mesmo muito complexas. Além disso, essa capacidade, devido à organização distribuída e à ausência de níveis hierárquicos, é tão eficaz que está presente em quase toda parte na natureza, incluindo inúmeras manifestações do comportamento humano.”

¹¹ Precisamente, Marco Antonio Valentim, aponta que “O Antropoceno é o tempo do fascismo cósmico” (2020, p. 307).

¹² A esse respeito ver a explicação de Eladio Craia em *Gilles Deleuze e a questão da técnica*, “O ponto de maior densidade especulativa é aquele que afirma que a Diferença é o Ser, e que este Ser é unívoco, bem como imanente ao universo dos entes, não podendo operar, portanto, como fundamento transcendente, no sentido metafísico.” (2011, p. 138)

de fuga não se pode dizer mais que a orquídea não é vespa, nem o contrário. Nesse caminhar sempre sobra um pouco do outro, mistura-se, compõe-se um outro tipo de ser em devir. Nesse misturar-se as plantas se sobressaem aos animais, conforme em Deleuze & Guattari:

Sabedoria das plantas: inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo — com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.). “A embriaguez como irrupção triunfal da planta em nós”. Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com *N* dimensões, com direções rompidas. Conjugam os fluxos desterritorializados. (1995, p. 18 e 20)

Produzir é agir como planta, não se estratificar, coloca-se limites e depois ultrapassa-os estabelecendo conexões com aquilo que está no exterior. As plantas fazem política pelas linhas de fuga, que operam na multiplicidade de cada ser e em seu devir, produzindo na imanência do campo político, parte-se da conexão com a terra, os geodos e as rochas, seus minerais, para conectar-se com os protozoários, fungos e animais, todos máquinas que se inserem em um devir, que se subtraem, se tornando um pouco planta e espalhando suas sementes por qualquer fissura que esse ser possa se alojar. Toda a estratégia vegetal parte de um mapa, de uma geografia própria que permite apresentar estratégias incômodas, que permitem que algumas ervas cresçam no campo mais tóxico e mais hostil a sua presença.

215

Memória e campo político

A memória é produzida como mapa no corpo de alguns vegetais. Para compreendermos esse movimento é necessária uma breve explicação sobre os princípios de cartografia e decalcomania do rizoma. O decalque opera como uma imagem estática do mundo, ele é sempre o mesmo apesar da natureza se modificar a todo o instante, ele é a fotografia em que uma mata antiga permanece, enquanto no plano da imanência ela já se tornou um grande pasto para os animais. Sua política não se altera, o *American Dream* é como a flor no

herbário do botânico, ela perde seu movimento, é classificada a partir do instante em que é arrancada da terra, parada no tempo sem mudança no seu agenciamento político, colonizada. Em face disso, Deleuze & Guattari, apresentam o mapa como campo de construção aberto que acompanha os movimentos do mundo, “uma das características mais importantes do rizoma é que ela possui múltiplas entradas” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 20). Existe uma escolha política entre o mapa e o decalque, o primeiro pode ser atualizado, suas fronteiras se movem e se misturam, ele demonstra as alianças e não pretende ser fiel a sua reprodução, sabe-se que o mapa pode mudar, ele não fixa o plano da imanência no instante como o decalque, ele se atualiza conforme o tempo e a política de suas fronteiras.

Portanto, o mapa tem a capacidade de se adequar às lógicas da transformação local, ele percebe o mundo de uma forma indeterminada, em devir. Deleuze e Guattari, compreendem que o Rizoma é muito diferente do decalque, ele não se estabiliza ele possui uma memória curta, que pode esquecer “muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore” (1995, p. 24). Se lembrarmos da filosofia de Nietzsche, uma das maiores influências de Deleuze & Guattari, podemos observar que a memória é fonte do ressentimento, isto é, aquilo que é sempre lembrado é revivido e volta com uma espécie de doença da alma, esquecer é também viver a grande saúde¹³. A marca do mundo contemporâneo é a lembrança de longo prazo, são ressentimentos antigos que guiam a política, a memória disfarça o passado enquanto o capitalismo se apropria do nosso desejo. Por outro

¹³ Diz Nietzsche, “Digo que esses alemães tiveram de recorrer aos meios mais atrozes para lograrem uma memória que os fizesse senhores dos seus instintos fundamentais, dos seus instintos plebeus e duas estúpida grosseria. (...) Em virtude de semelhantes espetáculos, de semelhantes tragédias, conseguiu-se fixar na memória cinco ou seis “não quero”, cinco ou seis promessas, a fim de gozar as vantagens de uma sociedade pacífica, e com estas ajudas da memória alcançou-se a “Ah! A razão, a gravidade, o domínio das paixões, toda esta maquinaria infernal que se chama reflexão, todos os privilégios pomposos do homem, quão caro custaram! Quanto sangue e quanta desonra se encontra no fundo de todas estas coisas boas!” (Nietzsche, 2011, p. 61)

lado, as ervas daninhas se proliferam pelo mundo, a partir da memória curta elas podem se multiplicar e invadir as grandes monoculturas, porque esquecem que ali não são bem vindas. As lembranças longas, voltam a criar uma imagem do pensamento que não para de mimetizar o múltiplo, mas só enquanto unidade superior, que retorna ao seu tronco, sem se ligar a nada. A árvore como sistema fechado, compõe um quadro hierárquico no qual o tronco desenvolve um papel fundamental de centro de subjetivação, que passa a organizar a memória e estabilizá-lo, da mesma forma, estrutura as informações fazendo retornar ao seu centro superior, ligando-as com “atribuições subjetivas de ligações preestabelecidas” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 25), hierarquizada. O esquecimento é o processo pelo qual o rizoma deve se constituir, já a memória longa é, em suma, cerceada pelo poder da lembrança, é institucional, decalque e tradução, ela não age no instante, mas com o tempo contínuo, mesmo que distante. Sistemas árvores ou radículas são ditaduras, centros de hierarquia e subjetivação que pré-existem aos sujeitos que crescem no seu lugar.

O Rizoma escapa ao controle, ele é a própria praga, porque seu condão é descentralizado de sua produção, não existem jardins ou árvores isoladas, mas tudo foi invadido e assim formam-se as novas florestas, que se encontram em um devir com tudo que entra em contato com esse sistema é, portanto, capturado pelo rizoma, mas não hierarquizado, porque a burocracia está distante. Dessa forma, ele pode libertar o sexo, a economia do desejo e a propriedade, porque o Rizoma é selvagem, a domesticação dos corpos é atravessada pelo devir, o poder não pode mais transcender. Sobre a copa da árvore a imanência das misturas impedem uma metafísica de outro mundo, tudo acontece no aqui e no agora, é o chão sobre o qual as ervas daninhas, sem frutos e produção dispensável, se proliferam, aqui nos espaços vazios, inúteis, nascem no meio e transbordam, as ervas são anti-capitalistas.

217

Como as ervas daninhas fazem política

Por vezes é necessário abandonar o tão bem pavimentado caminho ordenado da razão, isso trás uma renovação e novos ânimos àqueles que se

dedicam a essa tarefa. Nas rachaduras do asfalto desse grande estacionamento humano, demasiado humano, já se proliferam ervas daninhas, que fazem rizomas com bestas, monstros, animais e pedras. A lógica do rizoma, aos poucos, quebra essa dura superfície racional¹⁴. O professor Carlos Frederico Marés, nos traz a narrativa dos ensinamentos de Ditão, liderança nacional quilombola, que para abrir novos roçados teve de responder aos próprios técnicos ambientais que sua nova roça não traria problemas para a biodiversidade, mas a faria multiplicar os seres, isso porque os técnicos e seu conhecimento arborificado pensavam apenas na produção de uma nova plantação e não no que aconteceria com a antiga, vejamos o relato de Marés:

É engano, dizia Ditão, depois de demonstrar que sabia exatamente o que era biodiversidade, quando a roça fica velha, fica ruim para o ser humano, mas ótimo para as plantas e animais: “quando abandonamos uma roça para abrir outra, os animais da floresta correm para a roça velha e até mesmo as plantas correm para lá. Tudo nasce, renovado e forte, aparece até bicho e planta que nunca tínhamos visto antes, então a biodiversidade não empobrece, enriquece” (2015, p. 60)

218

As plantas operam em devir com aquilo que está ao seu redor, elas criam um grande povo diferente, no qual todos têm um papel de conexão, portanto, por mais que construamos roçados, asfalto, concreto, as ervas daninhas atravessam a todo o tempo nossas estruturas, correm para fazer de nós transporte de sua sabedoria e assim podem renovar tanto o pensamento quanto a política. Foi preciso esgotar a Ontologia para que os outros fizessem esse campo florescer, foi preciso chegar ao limite climático para as bestas, fantasmas e as plantas voltarem

¹⁴ Devemos pensar com Nietzsche e inocentar a natureza, como explica Jelson Oliveira: “[...] o conhecimento não pode ser outra coisa do que uma necessidade vital, ou seja, algo que se efetiva a partir de raízes humanas e mundanas e não a partir dos ideais metafísicos que moralizar (e condenam) o que é natural” (2023, p.6), [...] isso significa se cultivar como uma planta e tirar o Humano de seu pedestal, assim podemos conviver com os outros, os excluídos epistemologicamente de nossa razão. Importante lembrar que Deleuze & Guattari, quando analisam a heterossexualidade e a homossexualidade a partir de Proust em Sodoma e Gomorra, também falam sobre a inocência das plantas em oposição à culpabilidade de conversão (2010, p. 95-104).

a filosofia, e por essa via trazerem novos conceitos para a caixa de ferramenta filosófica. A erva vem tirar o saber de seu pedestal, “a flor é bela, o repolho é útil, a papoula enlouquece, mas a erva é transbordamento é uma lição de moral” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 29), a imanência do rizoma, das ervas malditas que transbordam, se apresentam como armas para a transformação da realidade burocrática antropocêntrica, atravessando a todo o tempo as árvores, transformando e capturando os seres, todos seguimos um pouco o devir-planta ao toque, a ingestão, ao olhar, quando nos damos conta desse movimento podemos nos tornar ervas daninhas subversivas, aí então, falamos de trabalho ao mesmo tempo em que falamos da catástrofe, pensamos nas plantas mas não esquecemos das rochas, chamamos de volta os fantasmas expulsos e com eles dançamos. Espalhamos esses esporos para que o caos-planta se espalhe. Para além das estratégias de sobrevivência, as ervas daninhas são modelos políticos, agindo por invasão e conquista, não se importam, com o desejo do capital apenas com a sua expansão, as pragas são problemas econômicos por desestabilizarem o mercado, são inúmeras e estão por todos os lados, não se preocupam com a escassez e riem dos banqueiros, trabalham junto com a vida sem romper com seus fluxos em nome do lucro. Sobretudo, as ervas daninhas oferecem um modelo orgânico, não pacífico, mas de agenciamentos, pois é através de suas alianças que elas se espalham. Os vegetais crescem melhor na floresta porque, apesar do perigo, é lá que estão seus aliados.

Considerações finais

No tempo dos Homens, no Antropoceno, devemos fazer política com os outros, este artigo buscou pensar em como as plantas podem oferecer um modelo político dissidente, com elas aprendemos a resistir mesmo que o solo seja hostil, também a fazer alianças com os nossos vizinhos, transformar-se no ambiente fazendo parte dele. Na contemporaneidade passamos por uma grande sensação de desconexão, isto é sentido por diversas pessoas e intelectuais, estamos distantes do mundo que nos rodeia, capturados pelos nossos aparelhos tecnológicos, cansados de nossos trabalhos, infelizes com nossas vidas. A leveza

foi levada com o sopro do vento, fomos amarrados ao solo e dele não conseguimos sair, diferentes das plantas, as quais sempre pensamos estarem estáticas e imobilizadas em seu solo, quando na verdade elas se espalham por todos os cantos através dos outros, inclusive plantam suas raízes nas rochas mais duras. Não temos paciência e queremos tudo para agora, a doce ilusão da mobilidade social do capital, esperamos trabalhos e nos endividamos enquanto o mundo adoece e a vida se vai.

O demônio zombeteiro de Nietzsche nos pregou uma peça e agora longe da grama e das árvores estamos presos em um looping de vícios e dívidas, cansados demais para fazer alguma coisa que altere a nossa realidade. Desse modo, precisamos buscar um outro sentido, um outro solo, para que venham se instalar as ervas e com elas suas legiões de animais, protozoários e fungos, para que elas nos mostrem o que precisamos. A filosofia de Deleuze e Guattari aquece nosso pensamento, gerando uma zona de fluxos e linhas de fuga que atuam em uma contraprodução, não fazemos filosofia pelo lucro, mas pelo prazer de fazer, nosso desejo assim pode escapar e tomar outros campos, porque não estamos trabalhando, mas fazendo outra coisa, devagar e preguiçosa. As ervas daninhas do pensamento crescem contra a economia, sua vontade se direciona ao sol que cobre a terra durante o dia, seus poros rebeldes se espalham pelo ar e correm com o rio, sem medo da monocultura e do trator que passa pelos campos. A política das ervas é sobretudo um modo de vida pautado em uma radicalidade contra a hiperprodução do Antropoceno.

Referências

CRAIA, Eladio. Gilles Deleuze e a questão da técnica. *Dois pontos*, vol. 8, nº. 2, p. 131-155, outubro 2021. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/21727>>.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, 2ª ed. 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 1. São Paulo, Editora 34, 2ª ed, 1995.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3. São Paulo, Editora 34, 2ª ed, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 2010.

MAESO, Benito Eduardo Araujo. *As diferenças em comum: Deleuze, Marx e o agora*. Tese (Doutorado em filosofia) - Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2018.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. São Paulo, Ubu Editora, 2019.

MARÊS, C. F. *Terra mercadoria, terra vazia: povos, natureza e patrimônio cultural*. In: *Insurgência*, revista de direito e movimentos sociais, v. 1, nº. 1, 2015. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/18789>>

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Petrópolis, Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Jelson, R. Nietzsche e a planta: sobre o perspectivismo vegetal. *Pensando - Revista de filosofia*, [S. L], v. 14, nº. 33, p. 4 - 16, 2024. Disponível em <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/4502>>

OPPERMANN, Serpil. The rhizomatic trajectory of ecocriticism. *Ecozona: New ecocritical perspectives: european and transnational ecocriticism*, Vol 1, No. 1, Abril, 2010. Disponível em <<https://ecozona.eu/article/view/314>>.

POVINELLI, Elizabeth A. *Catástrofe ancestral: Existências no liberalismo tardio*. São Paulo, Editora Ubu. 2024.

SIMONT, Juliette. Gilles Deleuze, ao encontro da intensidade. Tradução: SILVA, Carlos Tiago da. CRAIA, Eladio. *Revista Trágica*, estudos de filosofia da imanência, V. 14, Nº. 1, 2021. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/36980>>;

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo, Cosac Naify, 2015.

VALENTIM, M. A. Cosmologia e política no Antropoceno. *Étic@*, v. 19, nº. 2, 2020, p. 300-317. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5007/1677-2954.2020v19n2p300>>.

Submissão: 26.06.2025 / Aceite: 13.07.2025